



# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação  
**Fazenda São José da União**

código  
**AII - FO9 - BP**

localização  
**Rodovia RJ-145, Barra do Pirai-Valença, km 149**

município  
**Barra do Pirai**

época de construção  
**século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**plantação de subsistência e criação de animais / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

proprietário  
**particular**



fonte: IBGE - Barra do Pirai



Fazenda São José da União e seu entorno

coordenador / data **Annibal Affonso Magalhães da Silva – fev 2008**  
equipe **Rita de Fátima Machado Vilela (levantamento de campo)**  
histórico **Roberto Guião de Souza Lima**

revisão  
**Coordenação técnica do projeto**



situação



ambiência

A fazenda localiza-se à beira da Rodovia RJ-145, entre Barra do Pirai e Valença, distando cerca de 5 km da BR-393, a partir do Belvedere de Barra do Pirai.

A paisagem que a emoldura, pelos fundos, caracteriza-se pela presença de morros do tipo meia laranja, onde predomina uma rala pastagem, com pequenos fragmentos de mata. Próximo ao asfalto, um lago artificial que se origina no córrego que foi represado (f01), marca o acesso à fazenda. No outro lado da estrada, este córrego passa a correr livremente e, após contornar a propriedade, tem sua queda represada para utilização como usina de força (f02 e f03).

O acesso é feito por caminho – calçado por blocos de paralelepípedo (f04) – que interliga o asfalto da RJ-145 à área central da fazenda, onde ficam a piscina e as demais instalações do conjunto (f05).



01



02



03



04



05

Logo na entrada da fazenda surge o antigo curral (f06), que se desenvolve em dois níveis do terreno, separados por muro de arrimo longitudinal que mantém, inscrito em chapas metálicas, o nome da propriedade (f07). Estes patamares possuem piso de cimento e de grama.

Em cada extremidade da murada está locada uma residência, ambas com alguma expressividade arquitetônica (f08). A casa menor assenta-se no alinhamento da murada, com o caminho em paralelepípedos transpassando-a por baixo (f09).

A casa principal fica no canto esquerdo e avança um pouco em relação à murada (f10), tendo à sua frente um pátio gramado, também contido por murada em pedra (f11).

Segundo informações da proprietária, a família comprou a fazenda no início da década de 1960. A capela já existia, tendo os proprietários construído a piscina, o curral e o lago, além de terem colocado o piso de paralelepípedo no caminho de acesso. Nesta época também foram feitas algumas reformas na casa-sede e foi instalado o busto em homenagem ao pai da proprietária.



06



07



08



09



10



11

O conjunto mescla construções de diversos períodos, mostrando as transformações na disposição original da fazenda, de acordo com os usos nela praticados ao longo do tempo. O pátio central está ladeado na parte frontal pela casa-sede e por um bloco em ruínas, construções do século XIX (f12 e f13). Fechando uma das laterais há um bloco longitudinal que agrega sistemas construtivos de diversas épocas, como telhas tradicionais de capa e bica aliadas a pilares pré-moldados de concreto. Aos fundos fica um depósito construído em tijolinho maciço (f14) e, pela outra lateral, há uma capela (f15), provavelmente da primeira metade do século XX, e uma pequena residência contemporânea, que já aparece numa das fotografias cedidas pela proprietária (f16). Numa rápida análise das edificações – sem considerar os blocos construídos no século XX –, fica evidente que o conjunto construído no século XIX restringe-se à murada e às duas residências locadas em suas extremidades, não se podendo afirmar, entretanto, se estas são da mesma época. O bloco em ruínas ao lado da casa-sede aparenta ter sido uma cozinha, pois possui toda a formatação característica deste ambiente no século XIX (f17).



12



13



14



15



Fazenda São José da União,  
c.1960. Acervo: Família Ferraz Guimarães.

16



17

O bloco longitudinal contíguo a ele, apesar das modificações expressas pelas diversas técnicas construtivas empregadas, pode ser da mesma época (f18). Não foram encontrados vestígios de senzalas.

Fronteiro ao conjunto edificado no século XIX acha-se um amplo pátio, que abrange a área existente entre o atual pomar e a piscina. Sua localização e formatação plana podem indicar ter sido este, no passado, um amplo terreiro de secagem de café (f19).

Os bicames existentes na murada (f20), bem como uma canaleta que corre paralela entre a casa-sede e o bloco em ruínas reforçam esta suposição. Também o espaço do curral, junto à murada, aparenta ter sido um terreiro de café auxiliar (f21). Aos fundos da casa-sede fica outro pátio, que também pode ter sido terreiro de secagem de café, pois notam-se bicames para escoamento de águas pluviais e/ou servidas (f22). Segundo informações da proprietária, o piso que existia no entorno da piscina era todo de terra batida (f23).



18



Fazenda São José da União, c.1970. Acervo: Família Ferraz Guimarães.) 19



20



21



22



Fazenda São José da União, c.1960. Acervo: Família Ferraz Guimarães. 23

A casa-sede tem pé-direito exíguo, fugindo assim do modelo tradicional das casas de fazendas rurais e aproximando-se das residências urbanas de sua época, que ainda existem em localidades como Conservatória e São José das Três Ilhas<sup>1</sup> (f24).

Por estar situada sobre uma murada de contenção, a casa, quando observada pela fachada principal (f25), assume a configuração de uma construção térrea. Nesta visada seu porão é muito baixo, com desnível de apenas dois degraus. Quando vista pela parte baixa, a partir de sua fachada de fundos, apresenta-se assobradada, sobre um porão alto (f26).

O alpendre colocado em toda extensão da fachada principal, por volta da década de 1960, prejudicou a leitura de sua tipologia original. O acesso é feito através de três portas – uma das quais (a da esquerda) ficando permanentemente trancada –, entremeadas por janelas com esquadrias em madeira, que mantêm vergas retas e cercaduras em madeira, estando pintadas na cor ocre. As paredes são caiadas de branco, com barra pintada na cor avermelhada.

O interior da casa-sede apresenta boa parte das divisões originais, notando-se a supressão de uma parede na sala de estar, apenas em virtude desta não possuir forro (f27). Foram instalados dois banheiros, provavelmente no local de um antigo quarto (f28).

Na fachada de fundos, uma varanda em estrutura de concreto perdeu a cobertura. Destaca-se nesta fachada o correr de esquadrias trabalhadas em venezianas, que funcionam como paramento contra a incidência de luz solar da face oeste e, quando totalmente abertas, possibilitam uma visão panorâmica do exterior (f29).



Residência com pé-direito baixo em São José das Três Ilhas, distrito de Belmiro Braga – MG.



25



26



27



28



29

<sup>1</sup> A Vila de São José das Três Ilhas emancipou-se de Juiz de Fora na década de 1960 e caracteriza-se por ter em seu núcleo urbano residências de arquitetura mineira do século XIX, construídas para serem a propriedade urbana dos barões de café da região.

As portas externas mantêm vergas retas e cercaduras em madeira, com folhas de abrir em madeira cega (f30). As portas internas possuem vergas retas e cercaduras em madeira, com folhas cegas enreladas simples (f31) ou do mesmo tipo com bandeiras fixas em caixilhos de vidro (f32). Há, ainda, portas de modelo comercial atual, instaladas nos banheiros e no acesso do *hall* para o quarto.

As janelas voltadas para a fachada principal possuem esquadrias internas de abrir, com duas folhas cegas, com pequenas aberturas para ventilação em forma de losango na parte superior, e externas de guilhotina trabalhadas em caixilhos de vidro (f33), em tudo semelhantes às das fachadas laterais que, entretanto, não apresentam os losangos vazados (f34 e f35).



30



31



32



33



34



35

Na fachada de fundos há enquadramentos que congregam conjuntos de janelas em verga reta, abrindo em duas folhas com paletas de veneziana, que guarnecem 2/3 dos vãos, o restante ocupado na parte superior por caixilhos de vidro (f36 e f37).

A cobertura, que passou por reparos recentemente, teve o desenho de sua trama original modificado em reformas vetustas. Apresenta beiral simples, restando fragmentos da cimalha na fachada principal (f38). Mantém 4 águas no bloco original, com telhões capa e canal típicos das fazendas de café. A cumeeira não é centralizada e seu prolongamento forma um galbo no trecho sobre parte da cozinha e da varanda de fundos, dando-lhe aspecto de uma água (f39).

Na fachada principal foi acrescentado um alpendre, recoberto por telhas francesas e apoiado sobre colunetas metálicas (f40). A varanda de fundos foi recoberta por telhas “coloniais” atuais e a área de acesso externa à cozinha por telha de amianto.

A casa-sede foi edificada em alvenaria de pedra sobre porão baixo, mantendo, entretanto, pé-direito habitável pela fachada de fundos, decorrente da declividade do terreno. Possui estrutura autônoma de madeira (pilares, frechais, madres e barrotes) que forma uma gaiola estrutural, subdividida internamente por paredes de vedação em pau-a-pique, com varas de madeira na vertical e na horizontal (f41).



36



37



38



39



40



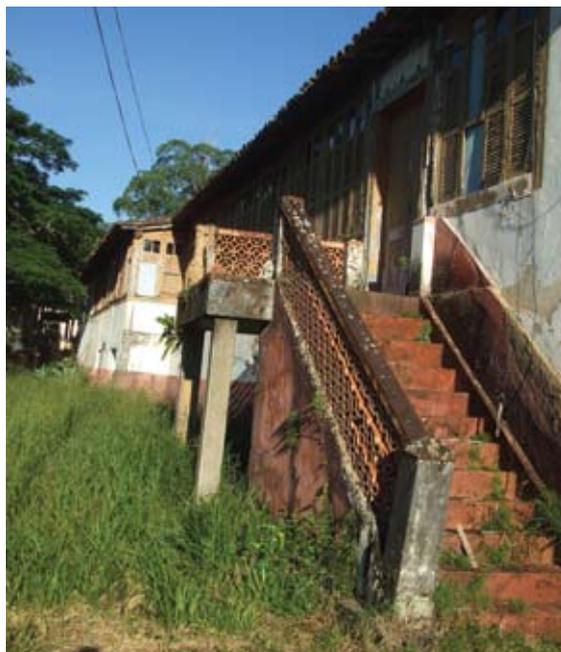
41

Apresenta estrutura de concreto armado na varanda de fundos (f42) e no suporte da caixa d'água externa (f43).

O piso, na maioria dos cômodos, é feito em tabuado de madeira com junta macho e fêmea (f44). As varandas, a circulação próxima aos banheiros, os banheiros, a cozinha e parte da copa receberam piso cerâmico e ladrilhos hidráulicos (f45 e f46)

Os forros, em sua maioria, são em madeira, com acabamento em saia e camisa (f47). Há dois quartos com clarabóias (f48) e ausência de forro nas salas, varanda interna, copa, cozinha e biblioteca (f49).

A residência menor, existente sobre a estrada de acesso, tem planta resolvida em "L" (f50), porém, por encontrar-se fechada, não foi possível conhecer seu interior, mas percebe-se que sofreu intervenção, tendo sido acrescida de pequenos anexos na parte dos fundos e na lateral esquerda.



42



43



44



45

<sup>1</sup>A Vila de São José das Três Ilhas emancipou-se de Juiz de Fora na década de 1960 e caracteriza-se por ter em seu núcleo urbano residências de arquitetura mineira do século XIX, construídas para serem a propriedade urbana dos barões de café da região.



46



47



48



49



50

Há sinais de fungo e bolor em certos pontos da alvenaria, originados provavelmente por umidade descendente (f51), que já podem ter sido sanados pelas obras feitas recentemente no telhado.

Nas partes em madeira, nota-se que as madres apresentam abalos em certos locais, comprometidos pela presença de cupins e exposição às chuvas. O piso está em bom estado de conservação. Os forros encontrados – uma vez que os mesmos inexistem nas salas de estar e jantar, no salão / biblioteca, na área de transição, na copa e na cozinha – apresentam ataque por cupins (f52). As esquadrias, nos modelos tradicionais da arquitetura colonial, estão com a pintura desgastada, principalmente nas fachadas expostas ao tempo, acontecendo o mesmo com as venezianas, neste caso somado à falta de palhetas e ao enfraquecimento das dobradiças em algumas folhas.

Nas alvenarias há trincas e descolamento do emboço em alguns cômodos (f53) e notam-se enxertos de argamassa de cimento internamente. Na parte externa, a estrutura de pau-a-pique está exposta em certas áreas e o volume da caixa d'água apresenta infiltração (f54).

A cobertura passou por reparos recentemente, mantendo, entretanto, os tradicionais telhões capa e canal no bloco principal. Recebeu, na década de 1960, o acréscimo de uma varanda, que percorre toda a extensão longitudinal da fachada principal e está coberta com telha colonial de linha atual. A trama desta varanda apresenta flambagem devido à falta de uma terça intermediária (f55).



51



52



53

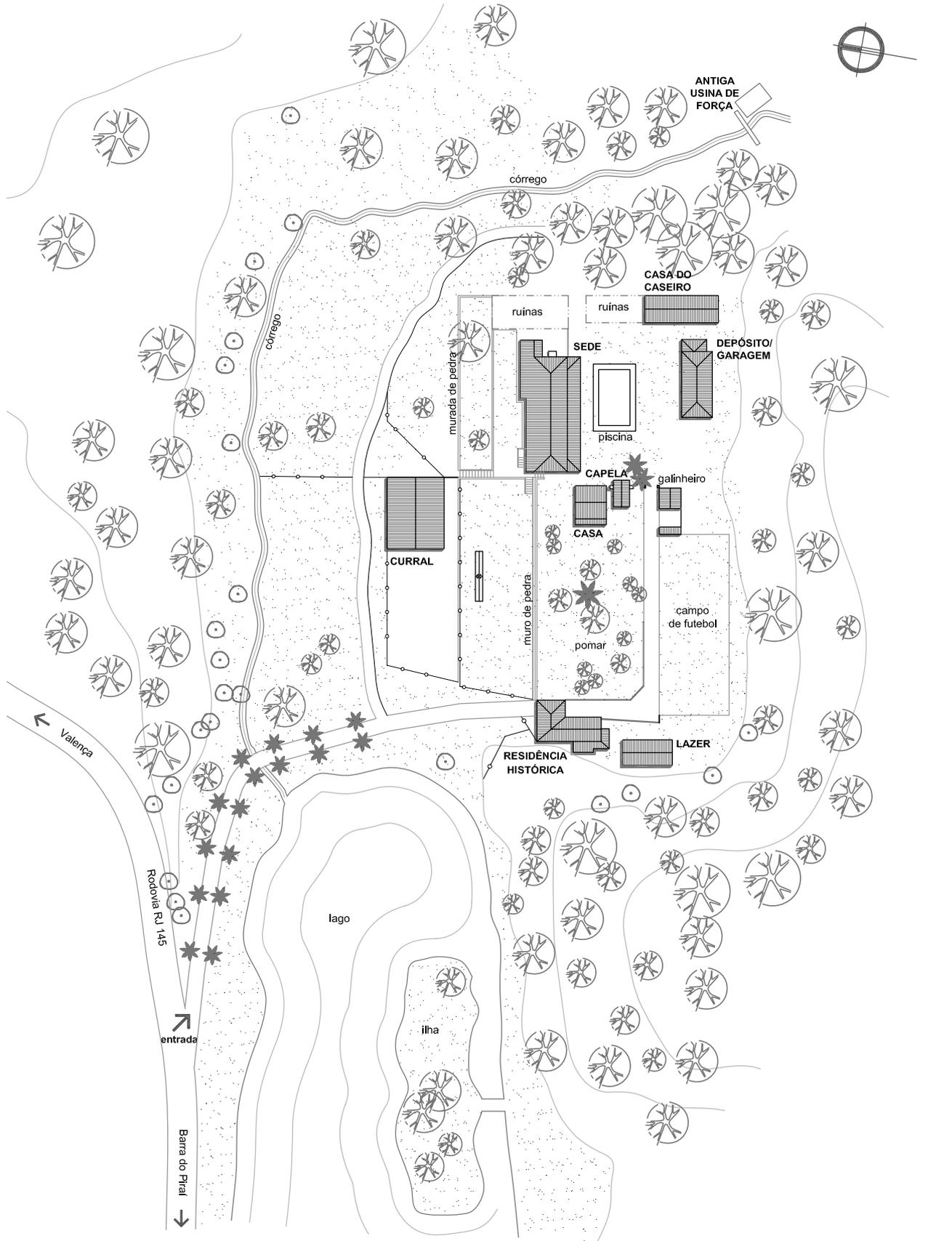


54



55

# FAZENDA SÃO JOSÉ DA UNIÃO



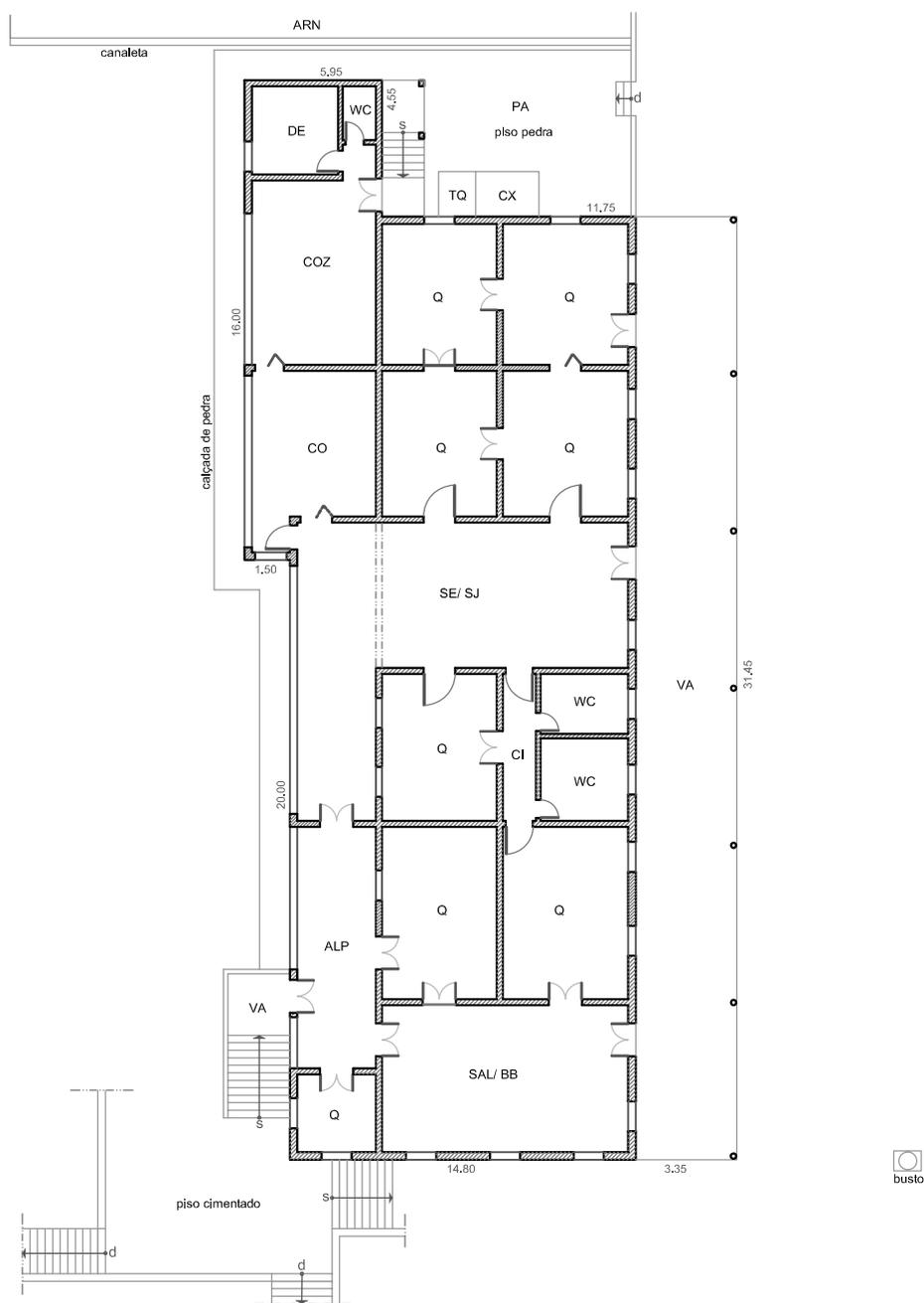
**1** Implantação  
escala: 1/1500

0 5 10 40

# FAZENDA SÃO JOSÉ DA UNIÃO

Observação:

1. A varanda maior é uma intervenção recente, apresentando pilares metálicos de seção redonda.



**1** Planta Baixa da Sede  
escala: 1/250

ALP - alpendre	CI - circulação	COZ - cozinha	Q - quarto	SL - sala de jantar	WC - banheiro	alvenaria existente
ARN - área arruinada	CX - caixa d'água	DE - despensa	SAL - salão	TQ - tanque		alvenaria demolida
BB - biblioteca	CO - copa	PA - pátio	SE - sala de estar	VA - varanda		

Deixando Barra do Piraí com destino a Valença, o primeiro ponto de referência é o Belvedere da Taquara, na BR-393 (Barra Mansa—Três Rios). Nesse ponto, estradas estaduais levam, por um lado, ao distrito barrense de Ipiabas e, em seguida, aos distritos valencianos de Conservatória e Santa Isabel do Rio Preto, podendo-se, a partir, daí atingir as margens do rio Preto, fronteira com Minas Gerais. Por outro lado, a RJ-145 leva a Valença, Rio das Flores e, também, a Minas Gerais. O nome do belvedere certamente está ligado ao da Fazenda Taquara, de 1830, localizada logo no início do acesso a Valença, uma das pioneiras na plantação de café no Vale.

Cerca de 5 km adiante, numa curva da estrada para a esquerda, avista-se pela direita a Fazenda São José da União de corpo inteiro, isto é, a casa de moradia (térrea e com extensa fachada) e a maior parte do que restou das instalações cafeeiras, depois adaptadas para a pecuária do leite.

Como entre a margem da rodovia e o platô<sup>1</sup> onde se localiza a casa existe uma depressão no terreno, ocupada por currais e pátios, e pelo fato do platô situar-se um pouco mais alto do que o leito da via, o visual do conjunto — tendo ainda como pano de fundo os morros com pastos e fragmentos de mata que passou a ser a vegetação típica da região — além de muito bonito é, como citado, amplo, permitindo que os apaixonados pela história do café no Vale, acostumados a palmilhá-lo em busca desses heróicos remanescentes, possam viajar no tempo e imaginar como teria sido a propriedade naquela época<sup>2</sup>.

O nome original da fazenda era União e há controvérsia entre os historiadores se ela teria pertencido ou não à família Faro, a mais aristocrática e nobilitada das que se afazendaram na porção de terras valencianas que depois formaria, junto com outras vizinhas, o município de Barra do Piraí, criado em 1890.

Uma hipótese que pode ser considerada com base em documentos históricos e na localização da fazenda seria ela ter sido instalada na “parte de cima” da sesmaria — isto é, nas terras que ficavam no sentido de quem vai para Valença —, que possuía meia légua em quadra (o equivalente a 225 alqueires geométricos)<sup>3</sup>, registrada com o nº-08 no mapa das sesmarias de “Dores de Pirahy”, de 1814<sup>4</sup>, como pertencendo a Joaquim José Pereira de Faro (filho)<sup>5</sup>.

Esta sesmaria, segundo os historiadores Leoni Lório, Jorge L. D. Lório e Adriano Novaes:

“Consta no mapa de sesmarias de 1848, com o nome de Ipiabas de Cima (para diferenciá-la da sesmaria nº-07, onde foi implantada a Fazenda de São Joaquim das Ipiabas) mas, em outros documentos, aparece como sesmaria da União. Foi dividida em **duas fazendas**, sendo uma delas, a **União**, de propriedade de Camilo José Pereira de Faro<sup>6</sup>” (os grifos e o parêntese são nossos).

A segunda fazenda da sesmaria teria sido instalada na sua parte “de baixo”, isto é, no sentido inverso, com terras mais próximas a Barra do Piraí, e teria sido negociada com o comendador João Pereira da Silva — grande amigo do patriarca dos Faro, o primeiro Barão — e que nela teria instalado a Fazenda Nova Prosperidade, atual Fazenda da Taquara.

Possivelmente, os Faro devem ter permanecido por pouco tempo na Fazenda União ou, não tenham se interessado em explorá-la o que, talvez, seja o motivo do seu “esquecimento”, quando se lista ou se comenta sobre as várias propriedades dessa família.

A fazenda deve ter sido adquirida pelo Dr. Baptista Caetano Pereira de Almeida, pois, no registro de venda<sup>7</sup> da Fazenda Aliança, em 6 de setembro de 1897, consta como confrontantes parciais e donos da Fazenda União os herdeiros dele<sup>8</sup>.

Segundo Nely Doyle de Almeida Salgueiro, historiador e genealogista de Dorândia, a propriedade pertenceu a Manoel Furquim Guimarães de Almeida, casado com Rita “Ritoca” Teixeira de Barros Nóbrega<sup>9</sup> e filho do Dr. Baptista, que talvez tenha comprado as partes dos demais herdeiros.

Proprietários mais recentes teriam sido, segundo informações da historiadora barrense Anna Maria Slobada Cruz, o Dr. Paulo Henrique Denisaux<sup>10</sup> e, a partir de 1962, o Dr. Hélio Muniz Guimarães, empresário em Barra do Piraí e casado com D. Izabel Ferraz Guimarães<sup>11</sup>. Estes últimos empreenderam total restauração da fazenda, que encontrava-se em péssimo estado de conservação. Em 7 de julho de 1964 foi realizada uma grande festa para comemorar o feito e D. Izabel dizia não saber como pode ter recebido tanta gente e brincava: “Parecia que a população inteira de Barra do Piraí estava lá”.

Nessa época foi acrescentado à fazenda o nome São José, santo da devoção do casal, e o local passou a chamar-se São José da União. Ainda em 1964 faleceu, em um acidente na fazenda, o Dr. Muniz e, com o falecimento bem posterior de D. Izabel, a propriedade passou aos filhos do casal.

Quando das visitas em julho de 1984 e outubro de 1990, a fazenda estava sendo utilizada como área de lazer, possuindo alguns entretenimentos para os visitantes além, naturalmente, de estar impregnada de toda a história que envolvia as suas centenárias casa-sede e instalações agrícolas.

A sede e as principais instalações da fazenda cafeeira localizavam-se no platô superior que formava o quadrilátero funcional ao redor do terreiro de café, hoje gramado, com piscina e outros equipamentos de lazer. Na época das visitas ainda se identificava, além da sede, a senzala, parte da tulha e das oficinas todas, naturalmente, com outras utilizações. Uma pequena capela foi construída nesse pátio no início do século XX, sendo a mesma muito simples. Foi ampliada nas obras de 1964. Anteriormente, existia uma pequena capela

---

interna na casa de moradia – ao lado da sala de visitas – e cuja nave seria a parte inicial do estreito e longo cômodo, fechado pela frente por uma série de janelas geminadas que, de certa forma, substituíam a varanda normalmente ausente nas casas rurais do café.

O segundo e terceiro platôs abrigavam pátios e instalações da fase da pecuária leiteira como, por exemplo, currais, além de galinheiros e depósitos diversos.

Um pouco afastado do quadrado funcional, seguindo para os fundos da propriedade, existia um açude com barragem, onde, pela esquerda, uma construção com roda d'água pode ter abrigado o engenho de café. Entretanto, como a água que abastece o açude passa pela lateral das instalações e vem do outro lado, contornando o morro que fica paralelo à estrada, no sentido de Valença; como existe desnível — a tal “depressão” no terreno mencionada no início — o que permitiria em local mais próximo da sede a instalação do engenho; e como existem nessa área ruínas que lembram um lavador de café; é possível que o engenho que beneficiava os grãos ficasse por ali e não afastado, como a construção mencionada ao lado do açude. Uma coisa, entretanto, nos parece certa: pela posição da aguada e pela topografia do terreno, o engenho, ficasse onde ficasse, não seria junto às demais instalações no quadrado funcional do primeiro platô, localização que pelo fluxo operacional de uma fazenda de café sempre era “buscada” por ser a ideal.

É muito pitoresca a construção em forma de um “L” (invertido) na entrada da fazenda e que fica por cima de uma espécie de “túnel” curto e largo, através do qual se acessa o platô principal. Segundo informações, teria sido a casa do administrador. Seja como for, confere relevância especial ao conjunto, além de proporcionar uma posição estratégica para a segurança, em relação a quem chega à propriedade.

Em 1990, a fazenda contava com 90 alqueires geométricos (ver nota 3) e só possuía terras pelo lado direito da estrada, para quem vai no sentido de Valença. Dona Izabel dizia que a propriedade original era muito maior e possuía terras dos dois lados.

---

<sup>1</sup>No alto muro de pedra arrimo do platô e caiado de branco está afixado, com grandes letras, o nome da propriedade: Fazenda São José da União.

<sup>2</sup> Pontos de observação no acostamento da rodovia permitem que o relatado possa ser registrado em fotografia ou filmagem.

<sup>3</sup> Cada alqueire geométrico, ou mineiro, tem uma superfície de 48.400 m<sup>2</sup>, ou 4,84 hectares, cada um com 10.000 m<sup>2</sup> (cerca de 1,4 campos de futebol de 70 m x 100 m).

<sup>4</sup> Na verdade, o mapa inclui sesmarias também de Ipiabas (Barra do Pirai) e de Valença (ver bibliografia), todas pela margem esquerda do Paraíba.

<sup>5</sup> Filho do homônimo, que seria o primeiro Barão do Rio Bonito, e pai de José Pereira de Faro, que seria o terceiro Barão do Rio Bonito.

<sup>6</sup> Também filho do primeiro Barão e que depois herdaria a fazenda do Pocinho, em Ipiranga, no outro lado do Paraíba (margem direita).

<sup>7</sup> Embora a Fazenda Aliança tenha sido propriedade original dos Faro — especificamente, depois de 1861, do terceiro Barão do Rio Bonito — foi vendida em 1897 pelo comendador França Junior que, como credor de grande parte das dívidas deixadas pelo terceiro Barão, passou a ser proprietário dessa e de outras fazendas dele.

<sup>8</sup> Gilson Baumgratz registra que desde 18/02/1890 a fazenda União já pertencia aos herdeiros de Baptista Caetano Pereira de Almeida, possivelmente falecido naquela época.

<sup>9</sup> Ritoca nasceu em 1879 e foi a quinta filha do segundo casamento do comendador José Teixeira da Nóbrega Sobrinho — importante, rico e influente fazendeiro de Dorândia — com a cunhada Leocádia de Souza Barros, filha dos barões do Engenho Novo. Ainda segundo pesquisas realizadas por Nely Doyle, o sobrenome do sogro de Ritoca, o Dr. Baptista Caetano, seria Teixeira de Almeida e não Pereira de Almeida.

<sup>10</sup> Há dúvidas quanto à grafia correta deste sobrenome.

<sup>11</sup> Em relação ainda aos proprietários da fazenda, Dona Izabel mencionou, de uma forma indefinida, outros dois que teriam sido anteriores ao Dr. Denisaux, um membro da família Lara Fortes e depois um militar que participou da revolução de 1930, o coronel Fraga. Dona Izabel era de família de fazendeiros e nasceu na Fazenda Santa Maria, em São José do Turvo, que pertencia ao pai, SR. Cândido Ferraz Júnior.

#### FONTES:

- Athayde, J. B. de. *A igreja matriz de São Sebastião da Barra Mansa: 1859-1959*. Volta Redonda, 1960.

- Baumgratz, Gilson. *Barra do Pirai, cronologia histórica*. Rio de Janeiro, Imprensa Oficial do Estado, 1991.

- Fotografia autenticada. *Mapa topográfico das sesmarias do coronel Joaquim José Pereira de Faro e seus filhos (registra também outras sesmarias) em 1814*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional.

- Iório, Leoni e Iório, Jorge Luiz Dutra. *Terceiro barão do Rio Bonito (subsídios para a história de Barra do Pirai)*. Barra do Pirai, 2007.

- Jornal Caderno Especial: Matérias históricas sobre Barra do Pirai. Barra do Pirai, edições diversas.

- Lima, Roberto Guião de Souza. *ARQUIVO RGSL*. Volta Redonda, 1979-2009.

- Rocha, Isabel. *Implantação e distribuição espacial e funcional da agroindústria fluminense, arquitetura do café, 1840-1860* (tese de mestrado). UFRJ, 2007.

- Salgueiro, Nely Doyle de Almeida. *História do curato e da matriz de Nossa Senhora das Dores*. Barra do Pirai, Dorândia, 1999.